

Refúgios ecológicos

Locais de sonho que aliam conforto
ao respeito pela natureza

Jornalista de causas

Fernanda Freitas e a sua luta para
a preservação do ambiente

A cidade do futuro

Curitiba, no Brasil, é um belo exemplo
de sustentabilidade urbana no mundo

Passe a mensagem

POR CADA TONELADA DE VIDRO
RECICLADO A SOCIEDADE PONTO
VERDE DOA 1 EURO PARA CRIAR UMA
REDE DE SALAS DE ESTUDO E AJUDAR
CRIANÇAS DE FAMÍLIAS CARENCIADAS.
UM GESTO AMIGO DO AMBIENTE COM
IMPACTO SOCIAL



 **ponto verde**
MARÇO - MAIO 2011
N.º 3 | TRIMESTRAL

RECICLA

sociedade

pontoverde



A reciclar por um mundo mais verde

15 anos para celebrar no presente o que já conseguimos pelo futuro. A transformar a sociedade tornando-a mais sustentável, promovendo a responsabilidade ambiental, através da reciclagem de embalagens. Com a continuada colaboração de todos os nossos parceiros, o Mundo poderá ser mais verde. A todos, obrigado.

MILHAS ALIMENTARES

A expressão surgiu em 1992, num programa televisivo, quando Tim Lang, professor de política alimentar na City University, em Londres, convidou os espectadores a imaginarem quantas milhas tinham percorrido os alimentos até chegarem ao prato.

A questão é complexa e inclui muitas variáveis – modo de produção, recursos utilizados, transporte, embalagem... Consumir produtos locais é quase sempre a melhor opção. Fica o conselho de Tim Lang: “Comer sazonalmente, ingerir muita fruta e vegetais, pouca carne e produtos lácteos reduz diariamente as emissões de carbono”.



Ilustração: Margarida Girão

A RECICLA
é impressa em
papel reciclado
e tintas
ecológicas

RECICLA

EDITORIAL

FAZER A DIFERENÇA

A noção de sustentabilidade saiu, há mais ou menos duas décadas, dos fechados círculos académicos para ganhar a atenção de activistas, da imprensa e de pessoas com qualquer grau de instrução. Porque acreditamos que cada um pode fazer parte deste movimento, a Sociedade Ponto Verde lança a terceira edição da RECICLA. Desta vez damos especial enfoque à reciclagem do vidro que, a seguir ao papel/cartão, é o material de embalagem mais reciclado em Portugal. No ano passado foram retomadas mais de 191 mil toneladas, mais 6% do que em 2009. Mas queremos reciclar ainda mais – até 2011 o objectivo é que 60% das embalagens de vidro colocadas no mercado venham a ser recicladas.

Para atingir este objectivo, a Sociedade Ponto Verde lançou uma campanha que mistura reciclagem e solidariedade. Em parceria com a Entajuda vamos criar salas de estudo, quebrando círculos de pobreza e dotando as crianças mais desfavorecidas de ferramentas para assegurar o seu sucesso escolar. Por cada tonelada de vidro enviada para reciclagem em 2011, a SPV entregará 1 euro para a criação de salas de estudo; o objectivo é doar mais de 200.000€. Queremos aumentar as quantidades de vidro retomadas e, ao mesmo tempo, apelar ao voluntariado da população portuguesa, no Ano Europeu do Voluntariado.

Na RECICLA acreditamos que cada gesto conta. Para os mais descrentes, terminamos com o inspirador provérbio africano: “Se pensas que és pequeno para fazer a diferença, tenta dormir num quarto fechado com um mosquito”. **R**

SUMÁRIO

N.º 3 MARÇO - MAIO 2011

www.ponto Verde.pt

8

Reportagem

O vidro não se degrada durante o processo de reciclagem. É um círculo virtuoso

12

Pequenos Gestos

A jornalista Fernanda Freitas aposta na redução dos bens de consumo

16

Tendências Eco

Os telhados verdes são uma das imagens de marca da arquitectura sustentável

20

Rosto

Celso Grecco criou uma bolsa onde as acções são sociais e o lucro é para todos

26

Atitude

Curitiba é uma cidade prodígio graças à visão vanguardista de Jaime Lerner

5

Ponto Verde

30

Planeta Verde

32

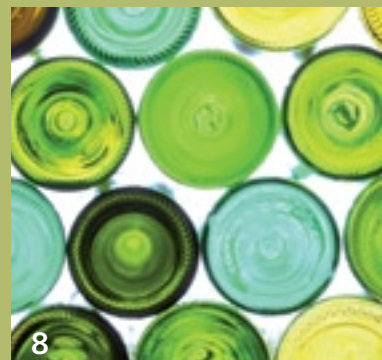
Eco Empreendedores

36

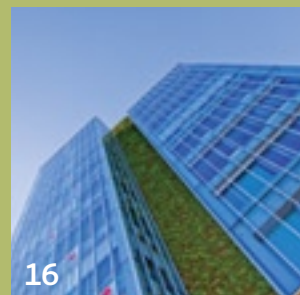
Lazer Sustentável

42

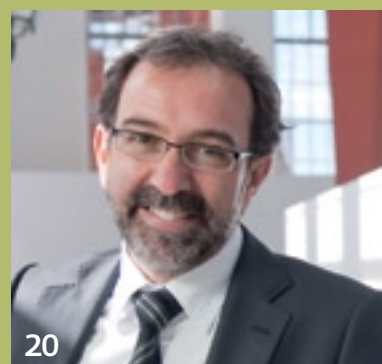
Sustentabilidade é



8



16



20



36

Recicla/Ficha Técnica

Propriedade: Sociedade Ponto Verde SA, Morada: Rua João Chagas, 53, 1.Dto, 1495-764 Cruz Quebrada, Dafundo, Tel: 210 102 400, Fax: 210 102 499, www.ponto Verde.pt, recicla@ponto Verde.pt, NIF: 503 794 040, Director: Mário Raposo, Directora-adjunta: Teresa Cortes

Edição: Have a Nice Day - Conteúdos Editoriais, Lda., www.haveaniceday.pt, info@haveaniceday.pt, Tel: 217 950 389 Directora: Ana Rita Ramos, Editora: Teresa Violante, Redacção: Miguel Amaral Monteiro, Sara Raquel Silva, Paginação: Rita Sales Luís, Fotografia: Agência Fotográfica Filipe Pombo, Corbis, Impressão: Lisgráfica - Impressão e Artes Gráfica SA, Tiragem: 60.000 exemplares, Depósito Legal: 215010/04, ICS: 124501 A RECICLA é impressa em papel reciclado com tintas ecológicas. Depois de a ler, dê-lhe um final ecológico: partilhe-a com um amigo ou coloque-a no ecoponto azul. ♻️

sociedade
ponto Verde

have
a nice
day



Cidade de cartão

Um avião rasga o céu por entre as nuvens. Mais abaixo, no solo, folhas soltas esvoaçam ao vento. Parece uma cidade de verdade, mas não é: nesta pequena urbe, situada em Lisboa, tudo é feito em cartão. À entrada lê-se: “Crisis is a mind opener” (a crise abre a mente). E foi esse o mote desta cidade imaginada pela Ivity, empresa especialista em criação, gestão de marcas e programas de inovação, e pelos 15 jovens recém-licenciados da Universidade de Porto. “Dose de talento e imaginação fazem coisas extraordinárias”, diz Carlos

Coelho, um dos fundadores da Ivity. A ideia surgiu após ter assistido a uma apresentação desenvolvida por jovens com um orçamento muito baixo. Na cidade de cartão estão representados os vários clientes da Ivity, como a companhia aérea SATA, a Coca-Cola e a Leya. Um mês de trabalho minucioso e criativo, com recurso a centenas de marcadores, muitas doses de cola e cerca de 5.000 placas de cartão com 3 por 2 metros. “Queríamos fazer tudo com cartão reciclado, mas não foi possível. Foi com cerca de 60/70%; o resto comprámos”,

diz Carlos Coelho. Reunir o cartão necessário para construir a cidade foi mais difícil do que esperavam. “Grande parte das grandes cadeias têm máquinas de compactação de cartão”, explica, e era preciso recolhê-lo antes dessa fase. A Cidade de Cartão tem sido usada pela Ivity para jantares e reuniões, mas está planeada a realização de duas ou três sessões públicas. Pelas características do próprio material, esta cidade é efêmera. Mas prova que é possível dar nova vida aos resíduos e fazer mais com menos.

Sempre a reciclar

A Sociedade Ponto Verde (SPV) no ano passado recolheu e reciclou 667 mil toneladas de resíduos de embalagem, o que corresponde a 59% das quantidades declaradas pelos seus embaladores. Já acima da meta definida para este ano – reciclar 55% das embalagens – a SPV tem um desafio pela frente: aumentar a taxa de reciclagem do vidro. Dos vários materiais de embalagens, foi o único que ficou aquém da meta estabelecida: 60% do total colocado no mercado. “O vidro é um material excelente para reciclagem na medida em que pode ser reciclado de forma praticamente infinita e com excelentes ganhos em termos de consumo energético e de matérias-primas. Por isso, cabe a cada um de nós a missão de depositar as garrafas, frascos e boiões usados no ecoponto”, sublinha Luís Veiga Martins, director-geral da SPV.

Em termos absolutos o papel/cartão foi o material mais reciclado (318.457 toneladas), apresentando um aumento de 11% em relação ao ano anterior, seguido pelo vidro (mais de 191 mil toneladas). Mas em relação a 2009, os materiais que registaram maiores crescimentos foram a madeira (mais 40%), e o aço (mais 26%).

Até ao final do ano Portugal teria de reciclar, no mínimo, 55% das embalagens colocadas no mercado nacional, meta que já foi atingida. E a SPV deu uma ajuda.

Jovens inventam melhor milénio



O repto foi lançado no final do ano passado e desde então mais de duas centenas de estudantes universitários arregaçaram mangas e têm respondido a acções em prol dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio. A iniciativa partiu da Agência ODM (projecto da Associação PAR – Respostas Sociais), mentora de uma competição amigável que procura “incentivar os jovens a pensarem globalmente e agirem localmente, em busca de um mundo mais igualitário e mais justo”, resume Sara Peres Dias, coordenadora do ODM Campus Challenge. Os desafios são colocados online e vão desde a recolha fotográfica à criação de acções de sensibilização. A última fase será a criação de uma campanha de transformação social inspirada nos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio: reduzir a pobreza e a fome, alcançar o ensino primário universal, promover a igualdade de géneros, reduzir a mortalidade infantil, melhorar a saúde materna, combater o VIH/Sida, a malária e outras doenças, garantir a sustentabilidade ambiental e criar uma parceria mundial para o desenvolvimento.

Oikos no combate às alterações climáticas

A América Central é responsável por menos de 0,5% das emissões globais de CO₂, mas é uma das regiões mais afectadas pelas alterações climáticas. Por isso a Oikos - Cooperação e Desenvolvimento, ONG portuguesa voltada para o mundo, em parceria com a Universidade Centro-Americana, lançou um projecto na região do Golfo de Fonseca, envolvendo populações da Nicarágua, Honduras e El Salvador. Em cinco anos, e com um orçamento de 1,3 milhões de euros, o projecto apoiará as autoridades locais na gestão dos recursos ambientais. A iniciativa conta ainda com a colaboração de organizações latino-americanas e de uma organização italiana.

oikos
cooperação e desenvolvimento



Dois em um: voluntariado nas florestas

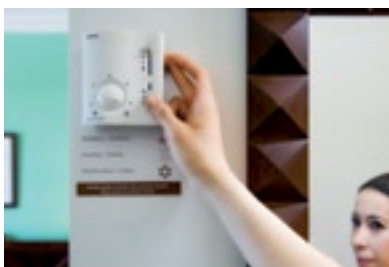
No Ano Internacional das Florestas, também Ano Europeu do Voluntariado, o programa Voluntariado Jovem para as Florestas 2011 tem verba reforçada – um milhão de euros – e procura atrair maior número de participantes. O Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas e a Secretaria de Estado da Juventude e Desporto esperam o envolvimento de pelo menos 5.000 jovens. Este ano o período de actuação é alargado – estende-se de 1 de Abril a 30 de Novembro – e inclui novas actividades, como campos de trabalho ligados à vigilância e protecção da floresta. Desde que foi lançado, em 2005, o programa já atraiu mais de 40 mil jovens que, através de acções de sensibilização das populações, vigilância e limpeza do lixo das áreas florestais diminuíram o risco de incêndio.

Novotel certificada até 2012

Já está em curso o processo que levará a cadeia de hotéis Novotel a conquistar a certificação global EarthCheck, primeiro programa concebido para a indústria do turismo, até 2009 conhecido como Green Globe. Com mais de 400 unidades em todo o mundo, a Novotel pretende a certificação ambiental em toda a rede até 2012. De momento, 78 hotéis em 18 países já têm esta certificação, e 104 unidades estão envolvidas no projecto. No ano passado a cadeia da Accor conquistou resultados encorajadores: 80% das unidades instalaram lâmpadas de baixo consumo em áreas iluminadas durante 24 horas; 92% colocaram reguladores de fluxo nas torneiras e chuveiros; 89% reciclaram papel e embalagens de cartão; e 60% serviram produtos orgânicos.



EARTHCHECK



PONTO VERDE



Ambiente no feminino

Terre de Femmes é o prémio atribuído pela Fundação Yves Rocher, da homónima marca de cosméticos, a mulheres que desenvolvem projectos em prol do ambiente. A segunda edição em Portugal distinguiu o trabalho desenvolvido por Raquel Granja com o Projecto Raízes. Primeira classificada, contemplada com 5 mil euros, desenvolve em Aldoar, no Porto, actividades de educação ambiental em instituições como escolas, colégios, lares e centros de dia. Educar para atingir um equilíbrio sustentado do ecossistema é o mote deste projecto. Em segundo e terceiro lugares ficaram Sílvia Ribeiro e Helena Freitas com o Programa Cão de Gado – introdução de canídeos para diminuir os prejuízos causados pelos lobos – e Acções Integradas de Investigação, Gestão e Divulgação das Plantas Invasoras em Portugal, respectivamente. Os montantes concedidos foram de 3 mil e 2 mil euros. O Prémio Terre de Femme é atribuído em 15 países da Europa, Magrebe e América do Norte. A vencedora de cada país participou ainda numa competição internacional.



DE VOLTA À CASA DE PARTIDA

SE A RECICLAGEM FOSSE O JOGO DA GLÓRIA, VOLTA E MEIA O VIDRO ESTARIA NA CASA DE PARTIDA. PORQUE NÃO SE DEGRADA AO LONGO DO PROCESSO, ESTE MATERIAL PODE SER RECICLADO VEZES SEM CONTA. SÓ VANTAGENS: MENOS CONSUMO DE MATÉRIAS-PRIMAS E MENOR PEGADA AMBIENTAL.

Texto Teresa Violante

Fotos Thinkstock

O frasco da maionese pode ter sido, há uns meses, uma garrafa de champanhe. E, quem sabe, quando for para o ecoponto o boião de compota não se transformará numa garrafa de azeite? Por definição reciclagem significa dar nova vida a resíduos, mas no caso das embalagens de vidro é um processo perfeito que encerra um círculo virtuoso no qual todos ganham: consumidores e planeta.

Este material não se degrada ao longo das várias fases da reciclagem, mantendo características e níveis de eficiência. “É um círculo fechado”, diz Beatriz Freitas, técnica da Cerv – Associação de Reciclagem de Resíduos de Embalagens de Vidro, entidade licenciada para promover a retoma, processamento e reciclagem destes resíduos. E, assim, embalagens de vidro dão origem a... embalagens de vidro. Redundante, mas eficaz.

NASCE E RENASCE

O processo de transformação do vidro começa após o tilintar do material quando é colocado no ecoponto. As embalagens são recolhidas pelos sistemas multimunicipais e intermunicipais em todo o país e reunidas num depósito cimentado para que não haja risco de contaminação. Depois inicia-se a fase de tratamento em estações apropriadas. A primeira etapa consiste na separação, manual e magnética, dos contaminantes – rótulos, caricas, tampas, etc. Segue-se a trituração, com a redução do

tamanho dos pedaços de vidro, e nova fase de triagem, magnética ou a laser. O casco – assim se chama aos cacos de vidro –, já se encontra tratado, mas antes de ir para o forno é alvo de controlo de qualidade. Para que o processo decorra com sucesso é imprescindível garantir que, aquando da fusão, não existam pedaços de contaminantes, mesmo que mínimos. “Tipos de vidro diferentes alteram a sua composição original”, explica Beatriz Freitas. Por exemplo, o ponto de fusão do vidro e da ce-

O VIDRO NÃO SE DEGRADA AO LONGO DAS VÁRIAS FASES DA RECICLAGEM, MANTENDO OS NÍVEIS DE EFICIÊNCIA

râmica atinge-se a temperaturas distintas, mais baixas no caso do vidro. Se estiver misturado com contaminantes a qualidade final do material fica comprometida. Para evitar que tal suceda a triagem é vital, mas também a atitude de quem recicla. Por exemplo, nos ecopontos verdes não se pode depositar loiças de cerâmica nem copos – são materiais em vidro, sim, mas a composição não é idêntica à das embalagens. O mesmo acontece com objectos em cristal e lâmpadas, estas com o agravante de conterem substâncias perigosas como mercúrio. A contaminação aquando do processo de fusão torna o vidro

reciclado menos resistente.

DOIS EM UM

Por cada tonelada de vidro reciclado usada no fabrico de novo vidro poupam-se 1,2 toneladas de matérias-primas originais. E com menores gastos energéticos. Os ganhos são evidentes. O sistema de recolha de embalagens de vidro em Portugal existe desde a década de 80 do século passado – os resíduos eram recolhidos pelos fabricantes de vidro através dos vidrões. Hoje a retoma das embalagens de vidro, à semelhança do que sucede com as de outros materiais, é centralizada na Sociedade Ponto Verde, após recolha pelos sistemas municipais e intermunicipais. Depois a entidade gestora coloca-as a concurso. É enquanto consórcio que a Cerv, no âmbito do licenciamento da SPV, se candidata e distribui pelos associados as quantidades de vidro a reciclar. “Temos como associados os cinco fabricantes de vidro, que são as entidades que podem fazer a sua reciclagem”, afirma a responsável da Cerv. Em suma, “o fabricante é o reciclador” – mais um circuito que se fecha. A seguir ao papel/cartão, o vidro é o material de embalagem mais reciclado em Portugal – no ano passado foram recicladas 191.000 toneladas, mais 6% do que em 2009. Valores positivos mas que devem ser reforçados: até 2011 é preciso reciclar 60% das embalagens de vidro colocadas no mercado. Recicle e faça parte deste círculo virtuoso. **R**

“NÃO DEIXE UMA BOA CAUSA ACABAR NO LIXO”

POR CADA TONELADA DE VIDRO COLOCADA NO ECOPONTO VERDE A SOCIEDADE PONTO VERDE DOARÁ 1 EURO PARA A CRIAÇÃO DE SALAS DE ESTUDO DESTINADAS A CRIANÇAS DE FAMÍLIAS CARENCIADAS.

Texto Miguel Amaral Monteiro

Fotos cedidas



“Não deixe uma boa causa acabar no lixo” é o slogan de uma campanha apostada em melhorar o rendimento escolar de crianças de famílias

carençadas. Como? Através da criação de 20 salas de estudo que acolherão mais de 600 crianças de todo o país. Para tal basta que coloque as garrafas de vidro no ecoponto. Por cada tonelada de material reciclado a SPV entregará 1 euro para a criação destas salas. O projecto será implementado por Instituições Públicas de Solidariedade Social criteriosamente escolhidas pela SIC Esperança e pela Entrajuda (uma rede de solidariedade que agrega projectos como a Bolsa do Voluntariado, o Banco de Bens Doados, e programas na área da saúde, como Diabetes Controlada, Sou Tudo Ouvidos e Dentes Saudáveis). “De 28 de Março a 1 de Abril vamos convidar instituições para desenvolver um projecto sustentado e sustentável para salas de estudo. Posteriormente, vamos seleccionar as que reúnam as condições para o sucesso do projecto”, revela Isabel Jonet, presidente da Entrajuda.

A ideia surgiu no seguimento de uma parceria anterior. “Em Setembro do ano passado tivemos uma iniciativa com a SPV em que distribuímos kits de material escolar a crianças necessitadas. Foi positivo, mas a SPV achou que se podia fazer algo mais consistente e decidiu consagrar um valor muito significativo para criar salas de estudo”, conta Isabel Jonet.

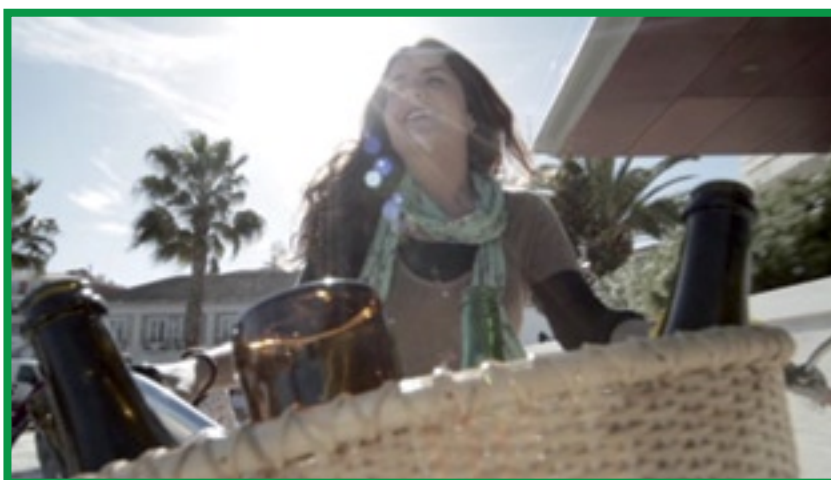
No total, a SPV espera doar pelo menos 200 mil euros. “Queremos ser um exemplo no âmbito da sustentabi-

lidade social. Desta vez decidimos apoiar um projecto que combate a pobreza através da promoção da educação dos mais novos, os quais têm dado enorme contributo à causa da reciclagem”, reconhece Luís Veiga Martins, director-geral da SPV.

Assim, para além de contribuir para um ambiente melhor, esta campanha destina-se a lutar contra a pobreza através de intervenção precoce. “Queremos que estas crianças saibam que se estudarem terão acesso a oportunidades que, provavelmente, os pais delas nunca tiveram”, explica Isabel Jonet. E acrescenta: “Por vezes passam muito tempo sozinhas, desresponsabilizadas da própria vida, porque os pais saem de casa para trabalhar de madrugada e só voltam à noite. Queremos garantir a esses pais e mães que os filhos têm para onde ir a seguir às aulas e que têm um local onde podem estudar, acompanhadas e em segurança”. A iniciativa “Reciclar é dar e receber”, que começou no dia 18 de Março, prova que, realmente, a reciclagem contribui para um futuro melhor. “Tendo a SIC Esperança como objectivo ajudar instituições de solidariedade a desenvolver projectos concretos, o nosso envolvimento e contributo para selecção e acompanhamento deste projecto faz todo o sentido, sobretudo tendo em conta que em 2011 a educação é o nosso tema central de actuação”, explica Mercedes Balsemão, Presidente da SIC Esperança. Agora depende de si. Sabia que o vidro é o único material que ainda não cumpre as metas de reciclagem impostas pela União Europeia? Pelo ambiente e contra a pobreza separe o vidro e coloque-o no ecoponto verde. Saiba ainda que também pode oferecer-se como voluntário para trabalhar nas salas de estudo. **R**



O FILME DA CAMPANHA
“RECICLAR É DAR
RECEBER” JÁ ESTÁ A
PASSAR NA RTP, SIC,
TVI E CANAIS DE CABO
DA SIC. A DIVULGAÇÃO
DA INICIATIVA CONTA
TAMBÉM COM A RFM,
O SAPO E OS CINEMAS
LUSOMUNDO



OS OBJECTIVOS SÃO
CLAROS: OFERECER
BOAS CONDIÇÕES DE
ESTUDO A CRIANÇAS
CARENCIADAS; APELAR
À PARTICIPAÇÃO DOS
PORTUGUESES NESTE
ANO EUROPEU DO
VOLUNTARIADO; E
AUMENTAR A RETOMA
DE VIDRO

POUPAR PARA UM MUNDO MELHOR

A PAR DA RECICLAGEM, A JORNALISTA FERNANDA FREITAS APOSTA NA REDUÇÃO E REUTILIZAÇÃO DOS BENS DE CONSUMO. PORQUE OS RECURSOS DO PLANETA SÃO FINITOS E ACREDITA QUE TODOS NÓS, ENQUANTO CIDADÃOS, TEMOS PAPEL ACTIVO NA PRESERVAÇÃO DO AMBIENTE.

Texto Sara Raquel Silva

Fotos Filipe Pombo/AFFP

Poupar, reutilizar, usar o menos possível os recursos naturais é o lema de Fernanda Freitas, pivot do programa “Sociedade Civil” na RTP2, acérrima defensora da sustentabilidade ambiental e social. “Em primeiro lugar não como carne”, diz Fernanda. “Tudo começou por uma questão de saúde, mas hoje verifico que é um caminho. Só de pensar na água que se gasta para a criação animal...”, refere. Consumir menos são duas palavras-chave no seu dia-a-dia espartano. “Quando faço compras evito sacos plásticos e qualquer tipo de embalagem”, conta. “No que toca a detergentes, aderi à ecobola (para a máquina de lavar roupa), além de que utilizo lâmpadas eficientes, regulador de caudal no duche e reaproveito a água em que lavo os alimentos para regar o jardim”. As espécies que cultiva são seleccionadas em função do tipo de manutenção. “Prefiro plantas aromáticas e cactos, que quase não precisam de água”.

O glamour do meio televisivo não deslumbra Fernanda, que se assume como anti-consumista. Diz a jornalista: “Administro o meu dia pela questão: será que necessito mesmo disto?”. Refere-se sobretudo a roupa e calçado, pois prefere adquirir sazonalmente apenas peças de qualidade que prometem durar no tempo. “Sou capaz de estar meses sem fazer com-

pras, evito os saldos e nunca aceito brindes – não vale a pena acumular”, reafirma.

No que toca à alimentação opta por produtos nacionais, da época. “Temos de nos adaptar ao ritmo da natureza e não esperar o inverso”. Sempre atenta ao mundo que a rodeia dá preferência aos bens produzidos e comercializados por empresas que são exemplo das boas práticas no mercado de trabalho e na comunidade em que se inserem. Implica algum trabalho de casa, mas garante a jornalista: “Acredito na responsabilidade e no poder daquilo que faço enquanto indivíduo para mudar a sociedade”.

Além de mãe e profissional a tempo inteiro, Fernanda Freitas preside à Comissão Nacional do Ano Europeu do Voluntariado e desde há sete anos que é contadora de histórias, em regime de voluntariado, junto de crianças hospitalizadas. A luta pela criação de um mundo melhor passa não só pela sustentabilidade ambiental, mas também social. Preocupação que a acompanha desde a infância, fruto dos exemplos que recebeu e que a ajudaram a saber conjugar em todos os tempos o verbo ajudar. A sua agenda é apertada, milimetricamente estudada e cumprida. Vale o esforço. “Este é um trabalho que vem do coração e me permite dizer que sou multimilionária... em afectos!”. **R**



Fernanda Freitas acredita
que todos os cidadãos
têm um papel activo
na sociedade. Proteger
a natureza e os que a
rodeiam são a sua
causa pessoal



POUPAR A apresentadora do programa “Sociedade Civil” tem no seu jardim apenas plantas que necessitam de pouca água. As ervas aromáticas são algumas das favoritas.



ECOLIMPEZA A jornalista é fã da ecobola, que permite poupar detergente de lavar roupa até 90%. Traz vantagens a nível económico e ambiental.



RECICLAR Colocar todos os vidros, plásticos e papéis no ecoponto é tarefa que faz parte do quotidiano agitado de Fernanda Freitas. Desperdício é palavra que não consta no seu vocabulário.

REDUZIR

Fernanda aproveita a água em que lava os legumes para regar as plantas do jardim. Também colocou um regulador de caudal no duche. “Sou quase fanática quando se fala de poupança de água”, afirma.





REUTILIZAR Uma das formas que Fernanda encontrou de poupar o ambiente consiste na utilização de peças de roupa e adereços confeccionados a partir de materiais recicláveis. Estas carteiras são a sua perdição.



PENSAR VERDE Fernanda é vegetariana. Não consumir carne significa, no que toca ao planeta, poupar milhares de litros de águas e emissões CO₂.



COM PESO E MEDIDA Quando compra fruta nos mercados de Alvalade ou Santos, em Lisboa, a jornalista não utiliza sacos de plástico. Leva alguns reutilizáveis, de pano, mais ecológicos e duráveis.

JARDINS DO FUTURO



DESIGN COM PREOCUPAÇÕES AMBIENTAIS E TECNOLOGIAS SUSTENTÁVEIS ESTÃO AO SERVIÇO DA ARQUITECTURA CONTEMPORÂNEA E CONTRIBUEM PARA A CRIAÇÃO DE EDIFÍCIOS DE ALTA-PERFORMANCE QUE JÁ NÃO DISPENSAM TELHADOS E REVESTIMENTOS VEGETAIS.

Texto Sara Raquel Silva

Fotos Luis Piteira/AFFP e cedidas

No Bom Sucesso
as plantas crescem
livremente nos telhados



Vivemos na era das cidades. Nunca a humanidade esteve tão afastada da natureza e nunca a natureza pareceu tão necessária ao bem-estar das massas urbanas. Há, por isso, que repensar a organização do território e dotá-lo de sustentabilidade económica, social e ambiental. A arquitectura promete ser a parede mestra da missão e os telhados e revestimentos verdes a chave da edificação de cidades onde apetece viver, conviver e respirar.

“Trazer fragmentos de natureza

para perto de nós, mesmo quando a nossa habitação se situa em espaço urbano, é uma prática milenar que tem imensas vantagens”, afirma a arquitecta Lúcia Tirone, especialista em construção sustentável. “A vegetação produz oxigénio, sequestra o carbono, contribui para filtrar poeiras e poluentes aéreos que, em outras circunstâncias, seriam provavelmente filtrados pelos nossos pulmões, contribuindo assim para um melhor equilíbrio nos ecossistemas e para uma

**AS NATURA TOWERS
ALIAM O DESIGN
ÀS SOLUÇÕES DE
SUSTENTABILIDADE
DISPONÍVEIS NO
MERCADO**

O revestimento vegetal das Natura Towers permite a redução da emissão de CO₂



Foto Luis Piteira/AFFP



Foto Luis Piteira/AFFP

melhor qualidade do ar". Por outro lado, os revestimentos vegetais absorvem as águas pluviais, e aumentam os espaços de habitat para a fauna local. Socialmente proporcionam agradáveis espaços de lazer que podem ainda acumular a função de horta urbana. Em termos económicos, aumentam a eficiência energética dos edifícios pelas suas propriedades isolantes, reduzindo assim os custos de aquecimento e refrigeração. Em

Berlim, Alemanha, 10% dos edifícios actualmente construídos estão dotados de telhados ajardinados e em Copenhaga é raro o prédio que não ouse riscar os céus em tons de verde. Já em Portugal a prática não é muito corrente, mas começa a implementar-se. Provavelmente o caso urbano mais emblemático remonta aos anos 60, quando o arquitecto Ribeiro Telles revestiu o parque de estacionamento subterrâneo da Fundação Gulbenkian de

um relvado único em Lisboa. Recentemente temos como exemplo o Bom Sucesso – Design Resort, Leisure & Golf, ainda que não esteja situado numa grande urbe. Trata-se de um empreendimento turístico imobiliário perto de Óbidos com 600 unidades de alojamento que conjugam de forma inédita o talento de 23 arquitectos, entre os quais constam os nomes de Gonçalo Byrne, Carrilho da Graça e Siza Vieira. Todos projecta-



A Casa do Douro tem telhado “verde”, onde é possível cultivar legumes e vegetais

ram moradias com coberturas vegetais, “imposição que se deve a razões estéticas e ambientais”, diz Maria do Carmo Moreira, directora de comunicação do projecto.

Não menos marcantes são as Natura Towers, sede do Grupo MSF, que conjugam pela primeira vez em Portugal a utilização de painéis fotovoltaicos nas fachadas e cobertura; de painéis solares térmicos (para o aquecimentos das águas das copas e instalações sanitárias) e de sistema de ventilação da dupla fachada (para climatização dos escritórios). O edifício permite, ainda, a recolha de águas pluviais na cobertura, utilizáveis para rega, e tem painéis vegetais verticais nos núcleos centrais que geram a produção de oxigénio. As trepa-

A CASA DO DOURO, CONSTRUÍDA COM MÃO-DE-OBRA LOCAL, PERMITE A ENTRADA DE LUZ EXTERIOR NOS SOCALCOS NATURAIS DA REGIÃO

deiras dentro da dupla fachada humidificam o ar e proporcionam uma sensação de integração na natureza. Nas Natura Towers as emissões anuais estimadas de gases com efeito de estufa são de 117,6 toneladas, o que representa uma redução de pelo menos 75% face às emissões de referência. Não admira que seja o primeiro edifício de escritórios com o certificado A+ em Portugal.

Outro caso exemplar? A Casa do Douro, da autoria de Ricardo Cruz e Susana Barros, na aldeia de Provezende. Com cerca de 120m², esta habitação respeita a tradição de construção em socalcos e tem dois pátios que permitem a entrada de luz exterior. A energia foi rentabilizada através do aproveitamento do contacto com a terra que melhora o comportamento térmico do edifício e da cobertura em terra vegetal que tem, ainda, a vantagem de diminuir o impacto visual no meio envolvente. A moradia superou uma técnica ancestral de construção, com base na utilização de xisto no exterior das paredes e pavimentos. Acima de tudo deixa intacta a paisagem do Douro. Do socalco ao alto do telhado original. **R**

ROSTO

O publicitário Celso Grecco, 48 anos, criou uma bolsa onde o lucro é medido em desenvolvimento social

Uma outra Bolsa é possível

CELSE GRECCO CRIOU A BOLSA DE VALORES SOCIAIS NO BRASIL E EM PORTUGAL. A IDEIA É QUE INDIVÍDUOS E EMPRESAS INVISTAM EM ORGANIZAÇÕES COM POTENCIAL PARA RESOLVER PROBLEMAS SOCIAIS.

Texto Miguel Amaral Monteiro

Fotos Filipe Pombo/AFFP

No final dos anos noventa Celso Grecco, 48 anos, era um publicitário de sucesso que aspirava trabalhar a tempo inteiro em prol do desenvolvimento social. Por essa altura os empresários brasileiros perceberam que a responsabilidade social era fundamental para a imagem das suas marcas. Celso viu uma oportunidade para cumprir o seu sonho e, em Dezembro de 1999, criou a Atitude, consultora em responsabilidade social e sustentabilidade. Quando a Bovespa (Bolsa de Valores do Brasil) o abordou, ele propôs aliar o investimento social e o *know how* do cliente. Assim, em 2003, nasceu a primeira Bolsa de Valores Sociais (BVS) do mundo. Nela os investidores podem adquirir acções, mas de projectos sociais criteriosamente seleccionados. O lucro mede-se pelo desenvolvimento social. Apesar do sucesso e reconhecimento internacional, a iniciativa tarda em replicar-se. Em 2009 Portugal tornou-se no segundo país do mundo a ter uma BVS.

Com 14 anos participou em acções de solidariedade, como levar roupa e alimentos a um hospital psiquiátrico. Na altura morava com os seus tios. Foram eles que lhe incutiram preocupações sociais?

Entretanto, lembrei-me de um episódio que ocorreu quando tinha 10 anos. Ainda morava com os meus pais, numa pequena cidade no interior do Estado de S. Paulo. Perto do Natal eu e o meu irmão decidimos dar brinquedos velhos e roupas que não usávamos às crianças da favela ao lado da nossa casa. Os nossos pais concordaram. Esperámos pela hora de saída da escola e chamámos as crianças. Elas vieram com as mães e distribuímos tudo que tínhamos. Empolgados, fomos à nossa cozinha e começámos a dar panelas. Quando a nossa mãe chegou havia um tumulto à porta da cozinha – já distribuíamos pratos, panos de cozinha, etc..

“APRENDI QUE NÃO TEMOS O DIREITO DE ERRAR EM QUESTÕES SOCIAIS”

Ela não deve ter ficado contente...

Não, mas acho que não apanhámos... O meu avô, que era português, foi quem me transmitiu uma visão humanista do mundo. Há uma pequena diferença entre a visão filantrópica e a humanista. A primeira leva a que, perante alguém com fome ou frio, dêmos comida ou agasalhos. A segunda procura ajudar essa pessoa a desenvolver-se e a ter melhores condições de vida.

Em 1993 criou a Aldeia do Futuro, ONG que visa profissionalizar e educar jovens e mulheres. Ainda está envolvido nesse projecto?

Já não, mas foi uma

aprendizagem muito importante. Na altura tinha uma agência de comunicação e ajudávamos organizações sociais. Certo dia um empresário abordou-nos. Disse-nos que tivera uma infância muito pobre, mas que vencera na vida. Ele

comprou um terreno de 3.000 m² no bairro onde cresceu e construiu um prédio de 1.000 m². O edifício não estava concluído porque ele não sabia que finalidade lhe dar, mas estava disposto a terminar a obra desde que alguém lhe dissesse o que fazer. Aceitámos o desafio e pensámos em transformar o prédio numa creche, mas como não conhecíamos o bairro não sabíamos quantas pessoas usufruiriam do serviço. Ao fim de três meses fomos até lá. Para nossa decepção havia 17 centros de acolhimento no bairro, mas só acolhiam crianças até aos 13 anos e 11 meses. Depois saíam. Uma criança de 14 anos numa favela não vai para a escola; vai arrumar carros ou pedir na rua para levar dinheiro para casa. Então optámos por um centro de juventude – a Aldeia do Futuro – ao qual presidi durante cinco anos. Esta experiência foi um soco no estômago. Estávamos a pensar com o coração e íamos gastar o dinheiro daquele empresário em berços e brinquedos. Aprendi que não temos o direito de brincar e errar quando a questão é social. Temos de ser pragmáticos e profissionais porque estamos a lidar com a vida das pessoas.

No final dos anos 90, antes de criar a Atitude, disse que o seu objectivo era “trabalhar muito, ficar rico, reformar-se, e dedicar-se a um projecto meritório de solidariedade”. Ficou rico, ou mudou de planos?

Achava que teria de ficar rico ou reformar-me numa condição que me permitisse fazer o que mais gostava: envolver-me em causas sociais. Achava que tínhamos de fazer opções, que a vida era feita

de “ou”, ou se ganha dinheiro ou envolvemo-nos em projectos sociais. Descobri que a vida é “e”: posso seguir a minha carreira e mobilizar as minhas capacidades – sou especialista em branding e comunicação – para satisfazer a minha vocação social.

Teve um encontro com o então Presidente Lula da Silva sobre a BVS. Como correu a conversa?

Ele ficou encantado. Quando estávamos à espera para entrar o chefe de gabinete disse-nos que teríamos 15 minutos. E aconselhou: “Diga tudo em dez minutos, porque a partir do 11º o Presidente começa a pensar na audiência seguinte”. O Presidente cumprimentou-nos com um abraço. Ele é absolutamente carismático. Conte a história toda em dez minutos. Achou muito interessante e fez perguntas. O

“COMO OUVI EM TEMPOS NUMA REUNIÃO: ‘NÃO SE TRAÇAM NOVAS ROTAS EM CIMA DE VELHOS MAPAS’. OS PROBLEMAS SÃO CONHECIDOS. A BOLSA DE VALORES SOCIAIS APOIA ORGANIZAÇÕES CAPAZES DE TRAÇAR NOVOS MAPAS PARA RESOLVÊ-LOS”

chefe do gabinete disse que estava na hora, e que o ex-presidente José Sarney e Renan Calheiros, ex-presidente do Senado Federal, estavam à espera. O Presidente Lula disse: “Calma”, – e chamou mais pessoas para ouvirem a conversa. O chefe de gabinete insistiu em mais duas ocasiões e Lula respondeu: “. Quando eu era sindicalista ele deu-me muito chá de cadeira. Deixa-o tomar um agora”. A audiência

durou hora e meia.

Em 2008 disse que Inglaterra e Alemanha lançariam BVS, e depois Índia, Nova Zelândia, Portugal e Tailândia. Porém, a iniciativa só arrancou em Portugal...

Quando lançámos a BVS em Portugal fizemo-lo como projecto-piloto para a rede Euronext, que inclui as bolsas de Nova Iorque, Amsterdão, Paris, Bruxelas e Lisboa.

A partir do momento em que assinámos contrato não seria ético abordar outras bolsas.

Quais as principais diferenças entre a BVS em Portugal e no Brasil?

Há três diferenças. A primeira é que no Brasil a Bovespa apoia projectos destinados à faixa etária dos 5 aos 25 anos. Por um lado considerou-se que haveria pouca interacção com menores de 5 anos. Por outro, um estudo revelara que mais de 90% dos presos tinham no máximo 25 anos e, assim, pensou-se que esta seria a população em que se deveria investir. Em Portugal os projectos incluem a infância e a terceira idade. No entanto, devido à crise que o país enfrenta, estamos a reposicionar a BVS para estimular ideias que criem riqueza e emprego.

A segunda é que a plataforma tecnológica é mais avançada em Portugal. No Brasil, como está armazenada no site da Bovespa, há questões de segurança que limitam o acesso às redes sociais. A terceira é que no Brasil a Bovespa assegura as despesas de funcionamento da BVS e em Portugal são a Euronext, Caixa Geral de Depósitos, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação EDP.

A criação da Bolsa de Valores
Socialis valeu a Celso Grecco
o reconhecimento da ONU
e das mais prestigiadas
organizações sociais

A BVS foi criada com uma linguagem dirigida às empresas que querem investir em responsabilidade social. A BVS portuguesa conta apenas com dez grandes empresas. Este número está de acordo com as suas expectativas?

Não. Queremos mais. Lançámos a BVS em Novembro de 2009. A receptividade foi boa, mas o ano estava praticamente terminado. Ao longo de 2010 os empresários alegaram efeitos da crise para não investir, mas ainda conseguimos o contributo de dez empresas. Em 2011 vamos reforçar a estratégia de abordagem às empresas. Teremos bom desempenho porque a BVS é um conceito que as empresas apreendem rapidamente. Temos cerca de mil investidores particulares, o que nos deixa muito satisfeitos, mas queremos mais.

Em 2008 recebeu o prémio Vision Awards das mãos de Muhammad Yunus. Revistas como a *Newsweek* e o jornal *Der Spiegel* colocaram-no ao lado de filantropos ricos e famosos. O que é que significa para si este reconhecimento? Ajuda o seu trabalho na BVS?

Não sou rico nem filantropo (Risos). Sinto-me vaidoso e agradecido. O trabalho na BVS implica conversar com presidentes de bolsas, gestores de marketing e directores de empresas e convencê-los a romper um paradigma. Falamos a mesma língua – fiz carreira no sector privado –, mas o reconhecimento de instituições como a Ashoka e a ONU, e as revistas que me colocam a par de personalidades como Angelina Jolie, Bill Clinton, Bill Gates e Richard Branson, conferem-me a reputação de um trabalho sério. Isso faz com que estejam disponíveis para ouvir o que tenho para dizer. E isso é o mais importante.



Quantas candidaturas receberam em Portugal?

No primeiro ano recebemos 130 candidaturas. Em Janeiro passado já recebemos 15, pelo que a média deve crescer ligeiramente. A BVS contempla 25 projectos. Em breve esperamos que três deles alcancem 100% do financiamento pretendido, pelo que entrarão três novas organizações.

Qual a principal razão para os projectos serem rejeitados?

Colocarem o olhar na consequência e não na causa. A assistência social é importante e é urgente, mas não é a nossa função. Bill Drayton, fundador da Ashoka, diz que o empre-

endedor social não dá o peixe, nem ensina a pescar, mas é alguém que não descansa enquanto não muda a lógica da indústria da pesca. A BVS apoia quem desafia a lógica instalada.

É por isso que diz que as organizações sociais em que se deve investir são aquelas que funcionam como laboratório?

Usei essa expressão num debate sobre como fazer crescer e replicar projectos válidos. As organizações não têm de crescer para resolver problemas sociais, porque não têm capacidade financeira e logística para isso. Prefiro vê-las como laboratórios a produzir vacinas. Se um

laboratório criar uma vacina, não se espera que seja o próprio laboratório a efectuar campanhas de vacinação. Isso é algo que compete aos governos. As organizações sociais são semelhantes a esse laboratório, com a diferença que procuram “vacinas”, por exemplo, contra a exclusão social. Não digo que tenhamos 25 vacinas em produção na BVS, mas temos 25 laboratórios, e alguns serão bem sucedidos, como é o caso de uma organização numa aldeia em Rio Maior, que travou a desertificação.

Como?

Tudo começou com um grupo folclórico que atraía muitos espectadores à Aldeia de Chãos. Então, construíram um restaurante que serve almoços e jantares, o que faria com que os visitantes, além de verem o espectáculo, passassem o dia na aldeia. Depois criaram o programa “Pastor por um dia”, dirigido às crianças, construíram uma pousada e apostaram no turismo rural. As empresas usam essas instalações para actividades de *team building*, que duram três ou quatro dias. Este circuito é alimentado por produtores locais e os empregados do restaurante e da pousada são oriundos da região. Quem nasce no campo gosta de lá viver e fica se tiver condições. A Cooperativa Terra Chã provou

“DEVEMOS INVESTIR EM ORGANIZAÇÕES SOCIAIS QUE FUNCIONAM COMO LABORATÓRIOS”

que é possível inverter o fluxo de desertificação.

Qual foi o contributo dos fundos provenientes da BVS?

A região é vocacionada para a produção do mel. A Cooperativa fez um estudo de mercado e viu que era um produto com procura. Então, criaram uma central melí-

pretação da Abelha e da Biodiversidade, que funciona como pólo de atracção cultural. Os fundos da BVS destinam-se ao Centro.

No Brasil o Governo já adoptou projectos apoiados pela BVS. Pode dar um exemplo?

O projecto Associação Saúde Crianças Renascer, criado por uma pediatra, no Hospital da Lagoa, no Rio de Janeiro. A médica observou que várias crianças pobres com

pneumonia, que eram internadas no Hospital e tratadas com antibióticos, regressavam a casa e, por vezes, voltavam com pneumonia dupla. Eram novamente tratadas, mas as recaídas continuavam e por vezes levavam à morte. A médica concluiu que estava a tratar a doença e não o doente. Descobriu que as crianças moravam em favelas, em barracas sem condições, com janelas sem vidros e tectos que deixavam entrar água. O projecto consiste em remodelar a habitação durante o internamento, assegurar que a criança vai à escola e melhorar o rendimento da família (que geralmente é monoparental). A intervenção prolonga-se durante 18 meses nos quais a mãe aprende uma pro-

fissão que lhe assegura o valor da renda mais um ordenado mínimo. O governo do Estado do Rio de Janeiro adoptou este projecto em todos os hospitais. **R**



fera que, por exemplo, promove a qualificação dos apicultores e oferece boas condições de higiene e de armazenamento dos produtos. A central inclui um Centro de Inter-



É só a relva que faz
uma cidade verde?

Com soluções sustentáveis para infra-estruturas,
a Siemens ajuda as grandes cidades a serem cada vez mais verdes.

Se perguntar a um residente de grande cidade como melhoraria a sua qualidade de vida, vai ouvir muitas ideias: ar e água mais puros, melhores redes de transporte público, ruas mais seguras, fornecimento seguro e constante de electricidade, cuidados de saúde eficientes e acessíveis. A nossa resposta: uma extensa gama de produtos e soluções inovadores que tornam a vida nas cidades mais verde, saudável e mais agradável.

[siemens.com/answers](https://www.siemens.com/answers)

SIEMENS

A CIDADE PRODÍGIO

O BRASILEIRO JAIME LERNER AFIRMA QUE QUALQUER CIDADE DO MUNDO PODE SER SIGNIFICATIVAMENTE MELHORADA EM APENAS TRÊS ANOS, E O DINHEIRO NÃO É ESSENCIAL. CURITIBA É O SEU CARTÃO DE VISITA.

Texto Miguel Amaral Monteiro

Fotos AFFP e Ceadas

Há quem diga que Jaime Lerner, 73 anos, está para o urbanismo como Steve Jobs – fundador da Apple – está para a tecnologia, isto é, muito à frente do seu tempo. Este arquitecto brasileiro notabilizou-se por tornar Curitiba, capital do Estado do Paraná, numa referência mundial da sustentabilidade. Tudo começou nos anos setenta, quando o termo “desenvolvimento sustentável” ainda não fora inventado.

Para Lerner um dos maiores pecados das cidades é a separação dos locais onde os habitantes trabalham, moram e se divertem. “Comparo as cidades a uma tartaruga. Ela é o melhor exemplo de qualidade de vida porque junta trabalho, abrigo e transporte”, justifica. No entanto, ele considera que o crescimento desordenado das urbes actuais não é motivo para desanimar. “A cidade não é o problema, mas a solução. Porque se tivermos uma visão generosa em relação

à cidade, teremos também em relação à sua população”. Este sempre foi o propósito de Lerner: melhorar a qualidade de vida das pessoas. E foi o que fez, com coragem e atitude inovadora, sem desanimar perante a falta de verbas. “A criatividade começa quando cortamos um zero ao orçamento. Quando cortamos dois é ainda melhor”, argumentou numa conferência TED (iniciativa da Fundação Sapling com o objectivo de disseminar boas ideias), em 2007.

NOVO PARADIGMA

Jaime Lerner foi eleito Governador do Paraná em 1994. Mas foi nos três mandatos anteriores, como Prefeito de Curitiba, que surpreendeu o mundo ao reinventar o espaço urbano.

Em 1969, com apenas 28 anos, Lerner participou na criação do Instituto de Pesquisa e Planeamento Urbano de Curitiba, entidade responsável pelo desen-

volvimento do plano director da cidade. Em 1971 foi eleito para a Prefeitura e pôs o plano em acção. Entre as directrizes estavam medidas que implicavam transformações físicas, culturais e económicas, como a alteração da rede de transportes, a criação de zonas verdes e áreas de reciclagem, e o projecto da Cidade Industrial de Curitiba (CIC), a 10 quilómetros do centro da cidade. Nessa altura Curitiba era uma cidade pouco industrializada, com cerca de 600 mil habitantes. Ao fim de três anos o índice de zona verde por habitante subiu consideravelmente; a CIC cresceu sem indústrias poluidoras e incorporou áreas de habitação e serviços; o antigo paiol de pólvora foi transformado em sala de teatro e revitalizaram-se outros edifícios abandonados. Lerner implementou outras medidas no seu primeiro mandato, mas a mais revolucionária foi a que criou um novo modelo



As paragens elevadas agilizam a entrada e saída dos autocarros



de desenvolvimento urbano, sustentado na transformação da rede de transportes. Desde logo, a Prefeitura quis travar o crescimento do centro e desenvolver novos pólos urbanos que reduzissem a distância percorrida entre casa e trabalho. Uma das primeiras iniciativas – talvez a mais controversa – originou o primeiro “calçadão” do Brasil, corria o ano de 1972. Em apenas 72 horas Lerner fechou ao trânsito a Rua 15 de Novembro, uma das principais vias do centro da cidade. A rua era percorrida por muitos peões, mas fora recentemente ampliada para comportar mais carros. O fecho alarmou os comerciantes e levou o Automóvel Club a organizar uma marcha lenta de carros. O então prefeito de Curitiba antecipou-se ao protesto: cobriu o pavimento com papéis e chamou as crianças das escolas para neles desenhar.

A Prefeitura, para fomentar o uso do transporte público, implementou um sistema de três faixas de rodagem em vias que se estendiam do centro da cidade até à periferia. Uma faixa era exclusiva para autocarros, outra para trânsito local e outra ainda para deslocações de longa distância. Também criaram terminais onde confluíam várias linhas de autocarros – o sistema ficou conhecido como Rede Integrada de Transportes Urbanos (RIT).

MAIS COM MENOS

Com a RIT, Lerner provou que a criatividade é mais importante do que o investimento: “Dinheiro a mais atrapalha. É

bom combustível, mas é muito importante encontrar uma equação de co-responsabilidade. Por exemplo, nós não tínhamos recursos para investir 300 milhões de dólares numa frota nova de transporte público. A equação de co-responsabilidade que montámos foi a seguinte: chamámos a iniciativa privada e dissemos que nós, poder público, investimos no itinerário – estações, paragens, terminais; e vocês investem na frota. E pagamos por quilómetro percorrido. Essa foi a equação que funcionou. Montou-se um sistema que se paga a si mesmo”, contou Lerner

AS INOVAÇÕES DA REDE DE TRANSPORTES PÚBLICOS DE CURITIBA FORAM IMPLEMENTADAS EM 80 CIDADES DE TODO O MUNDO

em 2008.

No segundo mandato (1979-83) Lerner apostou na qualidade de vida dos habitantes: criou as primeiras 20 creches da cidade; construiu 13 postos de saúde; ampliou a rede de saneamento básico; inseriu pequenos núcleos de habitação social na malha urbana já existente, beneficiando cerca de 25 mil famílias; e aumentou a área verde da cidade – o novo Parque do Iguaçu, com 8 km², passou a ser o maior parque urbano do Brasil.

Neste período o grande avanço no sistema de transportes foi a criação de uma tarifa única, com

acesso a todas as linhas. Também foram introduzidos autocarros articulados, com capacidade para 160 passageiros, as linhas circulares inter-bairros e uma linha especial para estudantes, que ligava o centro da cidade às principais universidades.

LIXO POR COMIDA

No terceiro mandato (1989-93) o Perfeito de Curitiba deparou-se com o problema da acumulação de lixo nos bairros mais pobres da cidade, onde as ruas estreitas não permitiam a passagem de camiões. Solução? Lerner

criou um programa em que os moradores destas localidades podiam trocar sacos de lixo por sacos cheios de compras, material escolar ou bilhetes para transportes públicos. Os bairros ficaram significativamente mais limpos. O programa, premiado pela ONU em 1990, serviu de ponto de partida para uma campanha de sensibilização ambiental que alertava para a necessidade de separar o lixo. Resultado: 70% das famílias passaram a fazê-lo.

Se ainda tiver fôlego saiba que Lerner introduziu outras medidas para melhorar a qualidade de vida dos curitibanos: alojou 30 mil famílias carenciadas; construiu 30 Centros de Educação Integral, que acolhiam os alunos durante o horário escolar; transformou autocarros antigos em pequenas escolas profissionais itinerantes; criou Unidades de Saúde abertas 24 horas por dia; requalificou duas pedreiras e transformou-as num teatro com 2.500 lugares; etc.

O arquitecto Jaime Lerner transformou Curitiba num exemplo mundial de sustentabilidade

Em 1996 Jaime Lerner recebeu o Prémio Criança e Paz, atribuído pela Unicef, em reconhecimento dos programas “Da Rua Para a Escola”, “Protegendo a Vida” e “Universidade do Professor”.

A aposta numa rede de transportes eficaz prosseguiu com a introdução de dois novos modelos de autocarros – o Ligeirinho, com capacidade para 40 passageiros, e o Bi-articulado, com capacidade para 230 passageiros –, e o novo sistema de paragens elevadas – as famosas estações “tubo” – que funcionam como plataforma de metropolitano, agilizando assim as entradas e saídas dos autocarros.

Hoje Curitiba tem 3,2 milhões de habitantes e é referência mundial da sustentabilidade. O índice de área verde por habitante subiu de 0,5 m², em 1970, para 55 m² (valor três vezes superior ao recomendado pelas Nações Unidas). Os seus dez modelos de autocarros transportam 2,3 milhões de passageiros por dia. Mais de 80 cidades em todo o mundo (Bogotá, Cidade do México, Seul, etc.) aplicaram os fundamentos da RIT nas suas redes de transporte.

BALADA DA SUSTENTABILIDADE

Como Governador do Paraná (1994-98 e 1998-2002), Lerner manteve a postura e visão que o caracterizaram enquanto Perfeito de Curitiba. Por exemplo, foi neste período que iniciou o programa Baía Limpa. “Queríamos limpar as nossas baías. O Rio de Janeiro tinha conseguido 800 milhões de dólares do Banco Mundial, porém concluímos

que o fundamental não era a obra, mas sim a consciência. E limpámos as baías através de um acordo muito simples com os pescadores: se pescavam peixe, pertencia-lhes; se pescavam lixo, nós comprávamos. Então, se o dia não estava bom para a pesca, eles pescavam lixo. Quanto mais lixo retiravam da baía, mais limpa ficava, e, por sua vez, mais peixe havia”, recontou Lerner.

Em 2002 abandonou a política. Nesse ano foi eleito presidente da União Internacional de Arquitectos, com um mandato de três anos, tarefa que conciliou com o cargo de professor na Universidade do Paraná e na Universidade da Califórnia, Estados

Unidos. Actualmente trabalha como arquitecto e conselheiro das Nações Unidas para assuntos de urbanismo, e desdobra-se em conferências por todo o mundo, para mostrar que é possível melhorar as cidades onde vivemos. E até compôs a Música da Sustentabilidade, com seis mandamentos para um futuro melhor, que, com a boa disposição que o caracteriza, entoa nas suas palestras: “É possível. Você é capaz. Use menos o carro; faça esta transição e emita menos CO₂. Viva mais perto do trabalho. Economize energia em casa. Separe o lixo; o orgânico do não-orgânico. Economize mais. Desperdice menos. Por favor, faça-o agora”. **R**



Foto AFFP

BOM AMBIENTE NO ESCRITÓRIO

UMA IMPRESSORA EM STAND-BY CONSUME, NUMA SÓ NOITE, ENERGIA EQUIVALENTE À IMPRESSÃO DE 5.000 CÓPIAS. COM PEQUENOS GESTOS É POSSÍVEL POUPAR DINHEIRO E CONTRIBUIR PARA UM AMBIENTE MELHOR.

Texto Miguel Amaral Monteiro

Foto Thinkstock

1 – COMPUTADOR

Programa o seu computador para o modo de espera e desactive o *screen-saver* – esta função até consome mais energia do que o funcionamento normal.

Desligue o monitor sempre que não utilizar o computador por mais de trinta minutos.

2 – IMPRESSORA

As impressoras a jacto de tinta consomem cerca de 95% menos energia do que as impressoras a laser.

3 – PAPEL

Imprima nos dois lados de cada folha.

Compre papel com selo verde. É uma garantia de que não sofreu branqueamento de cloro e de que todo o trajecto do papel, da árvore até ao fabrico, é conhecido. Cancele as assinaturas de publicações indesejáveis e dê preferência às que pode receber por correio electrónico.

Forneça a cada colaborador um recipiente para recolha de papel para reciclar e coloque recipientes maiores nos locais de maior uso de papel, por exemplo, junto às fotocopiadoras. Adira às facturas electrónicas.

4 – TINTEIRO

Use cartuchos recarregáveis. Substitua os velhos tinteiros por reciclados, que custam metade do preço.

5 – ÁGUA

Use mecanismos redutores do fluxo do caudal da água nas torneiras e nos chuveiros.

Comunique as perdas de água ao pessoal especializado.

Use mecanismos de regulação do volume nos autoclismos – uma garrafa cheia de água é uma boa solução.

7 – AVALIAÇÃO

Comece por classificar a sua empresa de acordo com o empenho na protecção do ambiente, políticas de compras, medidas de redução de resíduos, qualidade do ar, poupança de água e energia. Vá a “Rate your Office”, em www.ecooffice.com.sg. Estabeleça metas para as alterações que pretende efectuar no escritório e avalie a eficácia das mesmas. Premeie os bons resultados.

8 – RESÍDUOS

Escolha produtos que venham em embalagens recicladas ou recicláveis. Recicle as latas de alumínio e plástico.

Vinte latas podem ser transformadas em embalagens novas com a mesma energia usada na produção de apenas uma lata a partir de material bruto.

Recicle o vidro. Com a reciclagem de uma garrafa poupa-se energia suficiente para ligar uma lâmpada de 100 w durante 4 horas. Use pilhas recarregáveis e recicle-as.



6 – PLANTAS

A qualidade do ar sofre com a emissão de químicos voláteis, provenientes de equipamentos como impressoras e fotocopiadoras, de alcatifas, do mobiliário e da tinta das paredes. Determinadas plantas, além de transformarem o CO₂ em oxigénio, fixam estes poluentes. E tornam o espaço mais agradável.

9 – TRANSPORTE

Muitos trabalhadores gostariam de ir a pé ou de bicicleta para o trabalho. Mas não o fazem por falta de um local onde possam tomar banho e trocar de roupa. Equipe as casas de banho do seu escritório com duchas e disponibilize um espaço para guardar bicicletas.



Central

Cervejas e Bebidas



NOSSO COMPROMISSO

CONSUMO RESPONSÁVEL

na sensibilização do
consumidor

AMBIENTE

na redução dos impactos
ambientais

COMUNIDADE

no desenvolvimento
económico e social

COLABORADORES

na segurança, ambiente
e motivação



SEM DESPERDÍCIO TODOS GANHAM

O BANCO DE BENS DOADOS É UMA PONTE ENTRE QUEM QUER DAR E QUEM PRECISA DE RECEBER. PRODUTOS – NA MAIORIA NOVOS – CEDIDOS POR EMPRESAS E PARTICULARES SÃO DISTRIBUÍDOS POR INSTITUIÇÕES SOCIAIS.

Texto Miguel Amaral Monteiro

Fotos Luís Piteira/AFFP

Em Lisboa quem desce a Av. de Ceuta em direcção ao Tejo encontra do lado esquerdo os armazéns do conhecido Banco Alimentar Contra a Fome (BA). Para aí chegar é porque uma centena de metros antes passou pela Quinta do Cabrinha, bairro que fica no lado oposto da avenida e que realojou as famílias do Casal Ventoso. A vida no bairro decorre para lá da parede de edifícios que se avista da estrada. A entrada faz-se por uma ruela perpendicular a várias filas de prédios. Na segunda fila, do lado direito, há uma porta que conduz a duas garagens subterrâneas que, juntas, ocupam uma área de 4.000 m². Aqui, o entra e sai é feito quase em exclusivo por carrinhas e as boxs não têm carros. Mas não estão vazias. Pelo contrário. No último ano armazenaram mais de 1 milhão e 500 mil produtos (cadeiras, computadores, roupa, detergentes, tintas,

etc.) doados por empresas e particulares.

O espaço é a sede do Banco de Bens Doados (BBD) e do Banco de Equipamentos (projecto que angaria apenas material informático). O BBD é uma espécie de 3 em 1: através dele as empresas satisfazem o seu papel de responsabilidade social e escoam produtos que, por uma dada razão, já não iriam comercializar; as instituições de solidariedade social recebem precioso contributo para auxiliar quem mais precisa; e o ambiente fica livre de toneladas de resíduos.

CONGREGAR BOAS VONTADES

A ideia surgiu quando os responsáveis pelo BA constataram a disponibilidade das empresas para cederem produtos não alimentares. “Muitas vezes as organizações têm produtos que já não podem comercializar, por exemplo, porque está a terminar o prazo de valida-

de, ou porque o contrato de leasing chegou ao fim, ou a imagem das marcas mudou, ou acabou uma promoção, o que obrigaria à acção dispendiosa de reembalar o produto”, explica Isabel Jonet, presidente do BA. Assim, em 2007 nasceu o BBD, uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS). Tal como acontece com o BA, o BBD não faz entregas de produtos directamente a particulares: os destinatários dos produtos angariados são as IPSS.

O Banco não é um projecto isolado. “Surgiu no âmbito da Entrajuda, IPSS que criámos em 2004 com o objectivo de dotar as instituições do terceiro sector com equipamentos e ferramentas, como mobiliário, computadores, impressoras, etc., que as tornem mais eficientes no dia-a-dia”, conta Isabel Jonet, responsável pela iniciativa. Como? “Muitas instituições sociais não têm condições para comprar

Em 2010 o Banco de Bens Doados
distribuiu 1,8 milhões de artigos por
647 instituições sociais, que apoiam
216.000 famílias carenciadas





Raquel Serra Pinto, 49 anos, desempregada, afirma que o trabalho voluntário no Banco de Bens Doados “é muito gratificante”

Isabel Jonet. Hoje há 19 Bancos de Bens Doados espalhados de Norte a Sul do país. A responsável acredita que, enquanto houver excedentes de produção e produtos rejeitados pela sociedade, o BBD tem espaço para crescer. E revela: “Este projecto, tal como o BA, surgiu com o propósito de lutar contra o desperdício”. Mas a verdade é que o alcance da iniciativa é muito mais abrangente. Em 2010 foram distribuídos mais de 1.800.000 artigos por 647 instituições sociais, que apoiam cerca de 216.000 pessoas carenciadas. “Todas as semanas há 60 IPSS que vêm cá levantar produtos. Estas entregas funcionam como cabazes que são disponibilizados a cada dois meses”, explica Isabel Jonet. O BBD assegura que os produtos doados não serão comercializados. “Estes bens têm muito valor comercial. Por isso temos protocolos jurídicos com as instituições

**EM 2010 O BANCO
DE BENS DOADOS
RECEBEU
1.250.000 ARTIGOS
DE 390 FORNECEDORES**

equipamento informático. Temos voluntários que criaram soluções informáticas adaptadas às instituições – permitem gerir a despesa e criar bases de dados para utentes – e instalamos este software nos computadores”, explica. Há outros produtos de que as IPSS necessitam pontualmente para a sua actividade e que encontram no BBD, como televisores, cadeiras e mesas. Mas também há itens de que as instituições precisam com regularidade. “Recolhemos todo o tipo de produtos não alimentares – detergentes, tintas, produtos de higiene pessoal, cadeirinhas de bebé, roupa nova – que pos-

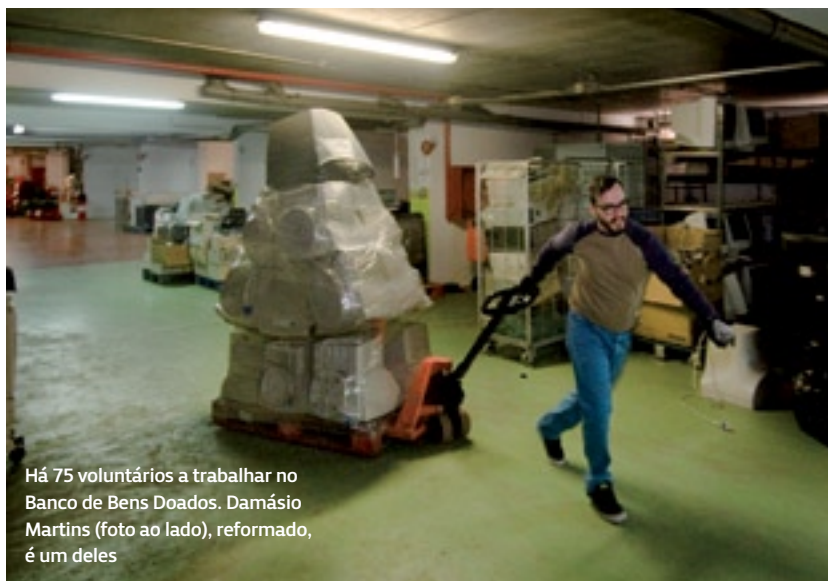
sam ajudar as instituições ou as famílias acolhidas. Este auxílio liberta-lhes recursos para áreas mais críticas, como os recursos humanos”, diz Isabel Jonet.

UMA IDEIA QUE FUNCIONA

Os resultados do Banco de Bens Doados são impressionantes. No primeiro ano de actividade angariou um milhão de produtos que distribuiu por 420 instituições de solidariedade social, as quais, por sua vez, os fizeram chegar a cerca de 100.000 pessoas carenciadas. “Sabia que a ideia tinha muito potencial, mas não previ um crescimento tão rápido”, exclama

em que se comprometem a não os reintroduzir no mercado. Também temos um conjunto de visitantes que vão duas vezes por ano a cada instituição”, esclarece.

O funcionamento do BBD é assegurado por 45 voluntários e seis assalariados. Estes “eram beneficiários do rendimento social de inserção – desempregados de longa duração, pessoas com deficiência, etc. – e agora têm um contrato de trabalho”, conta Isabel Jonet. Entre os voluntários contam-se muitos desempregados, como é o caso de Raquel Serra Pinto, que trabalhava no departamento



Há 75 voluntários a trabalhar no Banco de Bens Doados. Damásio Martins (foto ao lado), reformado, é um deles



comercial de uma companhia aérea. “Conhecia as acções do BA e tornei-me voluntária porque tinha disponibilidade e imensa vontade de ajudar”, partilha Raquel Serra Pinto. Assim, há dois meses que passa as manhãs no BBD. “Coordeno a equipa de voluntárias que atende as instituições”, conta, enquanto separa peças de roupa por género, cor e tamanho. E acrescenta: “É muito gratificante e motivador. É um compromisso a que não queremos faltar pois fazemos parte de um circuito”. Outros voluntários estão reformados, como Damásio Martins, 72

anos. Este antigo coordenador de obras está no BBD das nove às cinco. E fá-lo desde 2009. “Vi na televisão que precisavam de gente. Aqui sinto-me útil”, justifica. A influência do BBD também se estendeu à comunidade da Quinta do Cabrinha. “O bairro era totalmente fechado. Não se entrava no pátio interior, que estava todo grafitado e sujo de cocós de cão”, recorda Isabel Jonet. “Fiz uma sessão de esclarecimento, dentro do bairro, sobre o que seria o BBD. Criei dois postos de trabalho para habitantes da Quinta do Cabrinha – um para mulher-a-dias e outro

para empregado de armazém”, conta. Mas fez mais. Com o apoio da Gebalis (empresa que gere os bairros municipais) e com a participação dos trabalhadores da empresa Oracle e dos moradores realizou uma acção de requalificação. “Pintámos o bairro todo e colocámos floreiras e bancos de jardim. Ficou de cara lavada”, congratula-se. “O facto de estarmos dentro do bairro e haver um movimento permanente de cargas e descargas abriu o bairro ao exterior e conferiu-lhe uma certa normalidade de vida, que antes não tinha. E isso tem muito valor”. **R**

LAZER SUSTENTÁVEL

ECO CONFORTO



CASAS DA PENÍNSULA

Inseridas na Herdade da Comporta, no meio de quilómetros de campos de cultivo e junto a algumas das mais belas praias portuguesas, ficam as Casas da Península. Construídas em madeira certificada e elevadas sobre estacas, respeitando a capacidade e superfície de infiltração de águas no solo, têm como revestimentos exteriores materiais locais como colmo e brezo. Disponíveis para venda, em lotes que vão dos 600 aos 1500 m2, as suas caracte-

rísticas isolantes contribuem para o equilíbrio térmico, energético e sonoro das habitações, reduzindo as necessidades de utilização de energia. Para o aquecimento das águas sanitárias são utilizados sistemas solares complementares. Um mimo para todos os sentidos. Em breve, na mesma zona, abrirão duas unidades hoteleiras de luxo.

Contactos: Espaço da comporta, EN 253, Km1, www.herdadedacomporta.pt.

A RECICLA PARTIU À DESCOBERTA DE LOCAIS QUE ALIAM COM SUCESSO O CONFORTO À SUSTENTABILIDADE. PORQUE EM PORTUGAL JÁ É POSSÍVEL VIAJAR DEIXANDO APENAS UMA LEVE PEGADA ECOLÓGICA.

Texto Sara Raquel Silva

Fotos Filipe Pombo/AFFP e cedidas

Os momentos de puro lazer são cada vez mais raros e por isso preciosos. Merecidos e esperados com expectativa, não devem, no entanto, gerar danos ambientais. A escolha de um destino e, sobretudo, do tipo de alojamento exige olhar crítico. Convém questionar: serão os materiais de construção locais e/ou reciclados e recicláveis?

As águas residuais são reutilizadas? Quanto às actividades em tempo de lazer também merecem profunda análise. O ideal seria usufruir com simplicidade da cultura e natureza envolventes, de forma a reduzir a pegada ecológica. Parece lógico, mas continuam a ser construídos campos de golfe em zonas com escassez de água ou a servir alimentos exóticos produzidos a milhares de quilómetros, em detrimento das iguarias locais.

Porque nem sempre a pesquisa solitária é fácil, a RECICLA escolheu seis projectos de que o país se pode orgulhar. Unidades que promovem o conceito de turismo sustentável e responsável, no qual o visitante é convidado a participar, com todos os sentidos alerta na grande festa que é a vida na Terra. **R**

LAZER SUSTENTÁVEL



Na piscina do ZMAR é possível ficar em forma mesmo se não apetecer ir até às praias mais próximas



ZMAR – ECO CAMPING RESORT & SPA

O ZMAR – Eco Camping Resort & Spa, situado na Zambujeira do Mar em pleno Parque Natural do Sudoeste Alentejano, é o primeiro parque de campismo de cinco estrelas em Portugal. A madeira utilizada nos bungalows garante conforto térmico, isolamento acústico, poupança energética e baixo teor de humidade, além de maior capacidade anti-sísmica e durabilidade. Quanto ao plástico do mobiliário exterior e da sinalética, é reciclado. Os edifícios estão construídos sobre estacas para minimizar a impermeabilização do solo e foram orientados tendo em consideração a luz solar, de forma a reduzir a utilização de ar condicionado. Painéis solares fotovoltaicos e energia térmica são utilizados no aquecimento da água de todas as instalações. Existe também uma central de transferência para o tratamento do lixo e outra para tratamento da água. Melhor que tudo: fica perto das mais belas e impolutas praias do país. Contactos: Herdade-A-de-Mateus, S. Salvador, Odemira, Tel. 707 200 626, www.zmar.eu

Concebido de forma a funcionar com o mínimo de energia, este parque de campismo está equipado com painéis fotovoltaicos

A Quinta dos Curubás é o pouso
certo para quem pretende
usufruir da natureza em todo o
seu esplendor

QUINTA DOS CURUBÁS

Fica na ilha de S. Miguel, a maior do arquipélago dos Açores, próxima de Vila Franca do Campo, e tem nome de fruta: Quinta dos Curubás. Equipada com painéis solares para o aquecimento da água e electrodomésticos com baixo consumo de energia, faz o reaproveitamento da água da chuva para todas as águas sanitárias. Possui, ainda, sistema de esgotos que funciona por evapo-transpiração, reaproveitando os resíduos sólidos e transformando 70% dos mesmos em oxigénio. O lixo orgânico é utilizado como adubo na horta e pomar. Quanto às casas são construídas em pinho e possuem isolamentos térmicos e acústicos, de forma a que os hóspedes possam apreciar a calma açoriana em todo o seu esplendor.

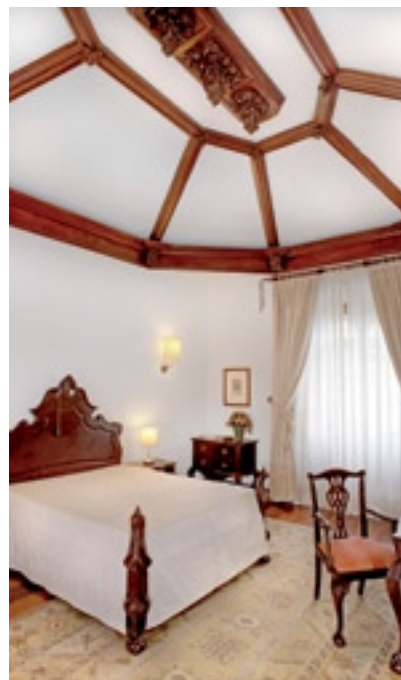
Contactos: Estrada Regional, 1, Ribeira Seca, Vila Franca do Campo, Tel.96 173 98 80,
www.quintadoscurubas.com



CASA MELO ALVIM

Ao lado da pedra de armas que encima a porta deste solar, o mais antigo de Viana do Castelo, encontramos o Rótulo Ecológico Europeu, atribuído à exigente política ambiental aqui exercida. A Casa Melo Alvim é uma ode à história com novos contornos ecológicos. A começar pelos 20 quartos: dotados de todas as comodidades modernas – em estilos que vão do D. Maria ao barroco, passando pelo contemporâneo –, são mostra das parcerias realizadas com diversas empresas na opção pela sustentabilidade. Os têxteis utilizados foram produzidos sem recurso a tratamentos químicos, a tinta que embeleza os interiores tem a mesma preocupação e até o papel higiénico e sua embalagem são 100% reciclados. A Carta Verde, documento presente nos quartos, e na qual a família Laranjeira, proprietária da casa, se compromete a agir activamente na redução dos gastos em água e energia, estende-se a funcionários e aos hóspedes. Prova de que conforto e luxo não são antónimos da sustentabilidade. Fica apenas a 4 km da praia e encontra-se associado a um health club da cidade para que os hóspedes em qualquer altura do ano usufruam do melhor que tem a região.

Contactos: Casa Melo Alvim, Av. Conde da Carreira, n.º 28, Viana do Castelo, Tel.: 351 258 808 200, www.meloalvimhouse.com



A Casa Melo e Alvim
é uma ode à história
com contornos
ecológicos



COMPANHIA DAS CULTURAS

Em Castro Marim, próximo de praias tranquilas, o turismo rural Companhia das Culturas é lugar de descanso, contemplação e passeios demorados. As manhãs acordam radiosas, acompanhadas por pequenos-almoços fartos e saudáveis, à base de produtos biológicos produzidos na propriedade, património da família há quatro gerações. Equipada com piscina e sala comum, tem meia dúzia de casas recuperadas com simplicidade e charme. As águas residuais são recuperadas para rega e ao Sol vão buscar a energia necessária para gerar a luz que permitirá ler um livro da biblioteca à disposição dos hóspedes. Propõem-se caminhadas, passeios a cavalo e actividades agrícolas sazonais: apanha da laranja, que começa em Dezembro, ou do alperce, em Maio, e ervas bravas na Primavera ou no Inverno.

Contactos: Fazenda S. Bartolomeu, Castro Marim,
Tel. 281 513 188, Tlm. 96 937 93 42,
www.companhiadasculturas.com,
companhiadasculturas@gmail.com



Na Companhia das Culturas as estruturas arquitectónicas foram preservadas para que os hóspedes sintam o peso da história local



SUSTENTA BILIDADE É...

Celebrar a Primavera em Lisboa

O Parque de Monsanto, em Lisboa, propõe novas actividades para celebrar a Primavera passeios pedestres e de bicicleta (guiados) por rotas nunca antes exploradas. Miúdos e graúdos podem descarregar online os mapas com os circuitos e partir à descoberta não só de espécies animais e vegetais, como da própria cidade de Lisboa. O Parque também convida à partilha online das fotos captadas durante as actividades, que têm lugar entre os dias 19 e 27 de Março. Mais informações em <http://naturlink.sapo.pt>



Lixo Extraordinário abre FESTin

O multi-premiado *Lixo Extraordinário* (Waste Land), será o filme de abertura da 2ª edição do Festival de Cinema Itinerante da Língua Portuguesa – FESTin. O filme nomeado para os Óscares de 2011 na categoria de melhor documentário, é uma produção brasileira e inglesa dirigida por Lucy Walker, João Jardim e Karen Harley, com produção executiva de Fernando Meirelles. A ante-estreia em Portugal acontece na 2ª edição do FESTin, que decorre entre 26 de Abril e 1 de Maio, no Cinema São Jorge, em Lisboa. Informações: www.festin-festival.com



Biólogos por um dia

Conheça melhor o fabuloso mundo dos insectos através da exposição “Insectos em Ordem”, patente no Museu de História Natural, em Lisboa. A mostra, aberta ao público até 31 de Maio, revela informações pouco conhecidas sobre animais enigmáticos como a borboleta, o escaravelho-rinoceronte ou a formiga. Concebida como um labirinto educativo de 600 m², a exposição permite a cada visitante, através de jogos interactivos, a identificação da ordem taxonómica do insecto (preservado em resina) que lhe é entregue à entrada. Mais informações em www.mnhn.ul.pt

Biodiversidade em debate

O FAPAS – Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens organiza, nos dias 7 e 8 de Maio, as XII Jornadas sobre Conservação da Natureza, Biodiversidade e Educação Ambiental para a Sustentabilidade, no Auditório do Centro Municipal de Cultura, em Castro Daire. O evento, que conta com o apoio da Câmara Municipal desta localidade, destina-se a professores, a técnicos municipais e a todos os profissionais ligados a estas temáticas, empenhados em discutir o futuro do planeta. Inscrições até 30 de Abril. Mais informações através do tel. 222 002 472 ou email fapas@fapas.pt

O primeiro Lagar Ecológico de Portugal



Lagar do Monte
Azeite Virgem Extra

Distribuído por:
El Corte Inglés
Grupo Jerónimo Martins



Olidal D.O.P.
Azeite Virgem Extra

Distribuído por:
El Corte Inglés



Herdade das Santas
Azeite Virgem Extra

Distribuído por:
Pingo Doce



Olidal
Azeite Virgem Extra
Galliteiro Azeite & Vinagre



Olidal - Olivicultores do Alentejo, CRL
Zona Industrial da Pádua I 7470-955 Santo Amaro 55L
tel. +351 268 552 236 | +351 268 552 233 | fax +351 268 552 237
geral@olidal.com | www.olidal.com



**Coloque as embalagens de vidro
no ecoponto verde e ajude a criar
uma rede de salas de estudo.**

Sem um ambiente propício aos estudos, muitas crianças
têm as suas expectativas de futuro fragilizadas.

Assim, por cada tonelada de vidro reciclado,
a Sociedade Ponto Verde vai contribuir
com 1 euro para criar uma rede de salas de estudo
em todo o país, para ajudar crianças
de famílias carenciadas. Contamos consigo.